

Cultura

Cormac McCarthy, o escritor que nunca navegou na Internet

Crónica



Paulo Faria

Morreu Cormac McCarthy, e uma imensa tristeza desce sobre nós. Com ele, morreu um certo tempo, uma certa literatura. Ele cresceu num tempo e num lugar em que as crianças, qualquer que fosse a sua classe social (e Cormac McCarthy nasceu numa família abastada), aprendiam desde pequenas a pescar e a caçar, trepavam às árvores, tinham com o mundo natural uma relação de enorme intimidade. Essa comunhão, sempre com a morte à espreita, essa atenção aos ciclos naturais, essa conversão permanente do mundo físico num prolongamento das nossas mãos e do nosso olhar, tudo isso esteve sempre no âmago da escrita dele. Acabou a era dos escritores que, em garotos, foram pequenos Tom Sawyers. Cormac McCarthy nunca tocou num computador, nunca navegou na Internet, nunca fez uma pesquisa no Google. Escreveu sempre, até ao fim, nas máquinas de escrever que foi tendo, a martelar no teclado e a puxar o carrinho atrás no final de cada linha. Passava os dias no Santa Fe Institute, a conversar com alguns dos cientistas mais renomados do mundo, debatendo a natureza do tempo, do espaço, da linguagem humana, o funcionamento do nosso cérebro, mas nunca tocou num computador. O seu saber era colhido nos livros, na palavra impressa. É também esse tempo que morre com ele.

Muito antes do advento da Internet e das redes sociais, que puseram toda a gente a falar muito e muito depressa, já ele se calava, já ele doseava a sua palavra. Talvez tenha sido esse um dos seus traços mais admiráveis: o silêncio. Em 1981, disse numa das suas raras entrevistas: “Se temos um ego tão distorcido a ponto de nos convencermos de que o mundo está interessado em saber o que fazemos e pensamos, então é porque há em nós qualquer coisa de profundamente errado.” Pela vida fora, Cormac McCarthy nunca cedeu um milímetro, nunca se desviou deste rumo.

Alguém disse que as pessoas aborrecidas contam a história toda. Cormac McCarthy nunca nos contou

a história toda. Mesmo nos seus romances mais extensos (*Suttree*, *A Travessia*, *O Passageiro*), o que fica por contar é sempre mais do que aquilo que nos é contado. Nunca saberemos qual a aparência física de Cornelius Suttree. Quando ele vai ao barbeiro, ficamos a saber que tem o cabelo encaracolado e escuro. Nada mais. Nunca saberemos qual a natureza da catástrofe global que devastou o mundo em *A Estrada*. Pouco importa. Só as pessoas aborrecidas contam a história toda. Só os chatos se convencem de que o mundo está interessado em saber a cada instante o que fazemos e o que pensamos.

Em San Marcos, no Texas, estão arquivados numerosos dactiloscritos de *Meridiano de Sangue*, o maior dos romances americanos sobre a conquista do Oeste e sobre a violência que está na génese da América. Numa dessas páginas, Cormac McCarthy anotou pelo seu punho, junto a um parágrafo em que descreveu um crepúsculo visto do cume de uma serra: “Podes usar isto, mas tens de reescrever tudo e tens de passar mais um dia na montanha.” Porque a escrita dele era assim mesmo, nascia da terra e dos fragedos. E há uma imensa tristeza em ver acabar uma caminhada como esta.

O peso da solidão final

Conta-se uma história sublime. Cormac McCarthy já saíra da casa paterna, nos arredores de Knoxville, no Tennessee. O irmão mais novo, Dennis, o seu grande amigo de toda a vida, acabado de emergir da adolescência, instalou-se no quarto do irmão mais velho e pôs-se a remexer nos papéis. Encontrou o número da revista universitária na qual, sem que a família soubesse, Cormac McCarthy publicara (ainda com o seu nome de baptismo, Charles) um conto espantosamente maduro, *A Drowning Incident* (chamemos-lhe “Peripécias de Um Afogamento”), no qual figuram já alguns grandes temas da sua obra. A história resume-se assim: um garoto sai de casa, percorre os campos e as florestas. A cadela deu à luz, o pai desmamou os cachorros e ofereceu a ninhada. O rapaz deita-se numa ponte, contempla a água e, atônito, vê passar, arrastados pela corrente, os cadáveres dos cachorros afogados. Usando um arame, consegue pescar o saco de serapilheira contendo alguns corpitos. O conto termina com o



Retrato do escritor na contracapa de *Suttree*

rapaz sentado no seu quarto, à espera de que o pai chegue. Ao lado do irmão, ainda bebé, adormecido no berço, cuidadosamente coberto pela manta macia, está o cadáver ensopado de um cachorro, que os lavagantes esventraram. Dennis, eufórico com a descoberta, desceu a escada a correr, aos gritos: “Mãe, mãe, olha o que o Charles escreveu!” E sentou-se à mesa da cozinha, diante da mãe, que pegou na revista e começou a ler o conto.

Alguém disse que as pessoas aborrecidas contam a história toda. McCarthy nunca nos contou a história toda

Aos poucos, o rosto dela foi ficando cada vez mais zangado. Até que, para assombro de Dennis, que esperava um deleite tão grande como o seu, a mãe atirou a revista para cima da mesa com ar furioso e gritou: “Não foi nada disto que aconteceu!” Sem o saber, a mãe de Cormac enunciou aqui a trave-mestra do génio do filho: não foi nada daquilo que aconteceu, com efeito. As histórias que ele contou nasceram da terra e dos fragedos, mas só aconteceram num lugar: na mente do próprio Cormac McCarthy.

“Acho que a escrita dele o levou até lá.” Foi o que me disse Jim Long, amigo de infância e de juventude de Cormac McCarthy (e uma das personagens de *Suttree*), em Knoxville, quando lhe perguntei porque é que Cormac abandonara o Tennessee e se mudara para o Sudoeste, para escrever sobre índios, vaqueiros e caçadores de escalpes. E a verdade é

que Jim Long percebeu tudo, porque em Cormac McCarthy tudo aconteceu por causa da escrita: foi a escrita que o levou para todo o lado.

A escrita e o silêncio, sempre o silêncio. Cormac McCarthy publicou *A Estrada* em 2006, depois esperámos dezasseis anos por *O Passageiro* e *Stella Maris*, um díptico incrível, singular, onde Cormac McCarthy, percebemo-lo agora, quis pôr tudo o que tinha em si antes de morrer. *O Passageiro* termina com Bobby Western a morar num moinho, só, em Ibiza, entregue aos seus pensamentos, à espera da morte. É uma espécie de regresso a casa, porque Cormac McCarthy morou em Ibiza na juventude, com a segunda mulher, Anne DeLisle. E é também o culminar de uma longa linhagem de protagonistas dos romances de Cormac McCarthy que acabam sós, tendo virado costas ao mundo, à espera do fim. Como se Cormac McCarthy, que sacrificou muita coisa ao longo da vida em prol da sua pulsão criativa, tivesse sentido desde cedo o imenso peso da solidão final.

Aprender a viver

Em San Marcos há também dactiloscritos das restantes obras de Cormac McCarthy anteriores a 2006. Há uma página de *A Estrada* que ele não chegou a usar no texto final. O pai e o filho, escondidos atrás de um penedo, vêem um cavalo a ser encurralado por uma horda de caçadores, que o matam à facada, o esartejam e começam de imediato a assar a carne e a devorá-la. Pai e filho ficam à espreita até à manhã seguinte, mas os caçadores não arredam pé, e eles acabam por partir:

“Levaram-se e caminharam pelos bosques despidos. Ele olhou para o rapaz. Cheirava muito bem, não era?”

O rapaz fez que sim com a cabeça. Havemos de encontrar outros cavalos.

Mas não encontraram.”

E agora, que não iremos encontrar mais nenhum cavalo, temos de aprender a viver sem Cormac McCarthy. Aprender uma nova maneira de respirar, como me disse há pouco um amigo. Aprender uma nova maneira de andar, de estar, de ler. Aprender a viver sem o silêncio de Cormac McCarthy.

Paulo Faria, o tradutor que verteu em português toda a ficção de Cormac McCarthy, escreve sobre o mestre agora desaparecido.